

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ADRIANA DE SOUZA FREITAS CHIUQUERA

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS E
POTENCIALIDADES**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

ADRIANA DE SOUZA FREITAS CHIQUERA



**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS E
POTENCIALIDADES**

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.
Orientadora: Prof^ª. Joice Maria Maltauro Juliano

MEDIANEIRA

2020



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de
Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES

Por

Adriana de Souza Freitas Chiquera

Esta monografia foi apresentada às 14h20m do dia 26 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A candidata foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Professora Mestre Joice Maria Maltauro Juliano
UTFPR – Câmpus Medianeira
Orientadora

Professora Mestre Flóida Moura Rocha Carlesso Batista
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro da Banca

Professora Doutora Maria Fatima Menegazzo Nicodem
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro da Banca

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico esta obra principalmente a Deus porque é essencial para a minha vida, o autor do meu destino, e meu guia vai me ajudar em cada momento da minha vida. À família e amigos da minha vida, e a todos aqueles que direta ou indiretamente participam do seu desenvolvimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A minha mãe Dona Maria e meu pai Antônio (in memoriam), pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A meu esposo Gilberto, pela paciência e incentivo principalmente nos momentos de fraqueza.

Aos meus filhos Junior e Amanda, por serem a razão do meu viver, os motivos pelos quais levanto e luto todos os dias.

A minha orientadora, professora Me Joice Maria Maltauro Juliano, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço de forma muito especial ao Professor Adriano Hidalgo Fernandes, por toda paciência, dedicação, orientação, apoio, estímulo, carinho e tudo que o mesmo fez não só por mim, mas por todos meus colegas de turma. Simplesmente um ser extraordinário.

A minha amiga irmã Marcia Gerdz Jacometto, companheira do curso, apoio nos momentos difíceis e exemplo de determinação, enfim, minha pessoa.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“... O autismo, embora possa ser visto como uma condição médica, também deve ser encarado como um modo de ser completo, uma forma de identidade profundamente diferente...”

Oliver Sacks, 2008

CHIQUERA, Adriana de Souza Freitas, **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES**. 2020. 31 Folhas Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

RESUMO

Uma criança com síndrome do espectro do autismo (TEA) tem dificuldade de socialização, então ela pode apresentar dificuldade para manter contato emocional com seus pais ou outras crianças. A comunicação dos portadores de TEA pode ser muito limitada, chegando a um ponto em que a criança não domina um idioma. Outra característica que o autista pode apresentar é a compreensão de gestos e imitações, o que acaba dificultando o contato com os outros. Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica e tem o objetivo de mostrar a importância e necessidade do diagnóstico e do processo de reabilitação no TEA com base nos avanços científicos na área. Desse modo, para incorporar as crianças com TEA nas escolas regulares é necessário que haja uma reorganização e adaptação do ambiente escolar, mas principalmente do corpo docente para que ocorra um melhor desenvolvimento de suas capacidades. Apesar de suas limitações, é essencial para seu crescimento que o autista seja tratado da mesma forma que os demais alunos. Assim sendo, a promessa da linguagem e da interação social é a chave para buscar diferentes métodos clínicos e educacionais para a criança portadora do Transtorno do Espectro do Autismo na vida social.

Palavras-chave: Autismo; Inclusão; Desenvolvimento; Aprendizagem.

CHIQUERA, Adriana de Souza Freitas, **AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: FEATURES AND POTENTIALITIES**. 2020. 31 Folhas Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

ABSTRACT

A child with autism spectrum syndrome (ASD) has difficulty socializing, so he may have difficulty maintaining emotional contact with his parents or other children. The communication of ASD patients can be very limited, reaching the point where the child does not speak a language. Another characteristic that the autistic person can present is the understanding of gestures and imitations, which ends up making contact with others difficult. This study consists of a bibliographic search and aims to show the importance and need for the diagnosis and rehabilitation process in TEA based on scientific advances in the area. Thus, to incorporate children with ASD in mainstream schools, there is a need for a reorganization and adaptation of the school environment, but mainly of the teaching staff so that a better development of their abilities occurs. Despite its limitations, it is essential for its growth that the autistic person is treated in the same way as other students. Therefore, the promise of language and social interaction is the key to seek different clinical and educational methods for children with Autism Spectrum Disorder in social life.

Keywords: Autism; Inclusion; Development; Learning.

LISTA DE SIGLAS

TEA – Transtorno do Espectro Autista

OMS- Organização Mundial da Saúde

CID- Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

TA- Transtorno Autista

TID- Transtorno Invasivo do Desenvolvimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	12
3 UM OLHAR SOBRE ASPECTOS HISTÓRICOS, LEGISLAÇÃO E ASPECTOS LEGAIS.....	14
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO AO ENSINO APRENDIZAGEM	16
3.1.1 Outras Características do Autismo	17
3.2 COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS	19
3.2.1 Pensamento	20
3.3 IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA DA VIDA DESSES INDIVÍDUOS	21
3.4 INCLUSÃO E ACEITAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO ESPAÇO ESCOLAR	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

O termo autismo é originário da Grécia e seu significado é "próprio" ou "pessoal", e é usado para definir o comportamento humano em relação a si mesmo. Praça (2011, p.25) afirma que crianças com autismo:

[...] permanece em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que a cerca no mundo externo. Outro motivo para o autista permanecer em seu universo interior é o fato de que, em geral, o autista sente dificuldade em se relacionar e em se comunicar com outras pessoas uma vez que ele não usa a fala como meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ela e que não se interage fora dele (PRAÇA 2011, P.25).

Para que as crianças da escola regular que tem autismo, é necessário não só se adaptar ao ambiente, mas também ao corpo docente da instituição. Para que aprendam e se desenvolvam, apesar de suas limitações, devem ser tratados com igualdade.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017) descreve o TEA, como um transtorno que abrange a anormalidade do comportamento e o desenvolvimento, e que o mesmo se manifesta geralmente antes de três anos de idade. O portador de TEA, tem sua interação social e comunicação limitadas, ocasionando num comportamento limitado e contínuo.

Segundo Gadia, (2006) o autismo é determinado como um transtorno enigmático do desenvolvimento, no âmbito comportamental, com diferentes fundamentos que se evidencia em variados graus de gravidade.

De acordo com Oliveira (2009), "autos" significa "próprio" e "ismo" traduz uma predisposição, isto é, uma pessoa oclusa em si. Assim, o autismo é entendido como uma condição parecendo estar propriamente recluso.

Algumas características especiais de crianças com ASD são eficazes. "[...] TEA é definido como um transtorno do desenvolvimento neurológico que deve existir desde a infância e que apresenta defeitos na interação social e no comportamento" (SCHMIDT, 2013, p. 13). Saiba que essas dimensões são inseparáveis.

A definição utilizada por APA (2013) apud Zanon et al. (2014) é consistente com os conceitos já mencionados.

[...] as manifestações comportamentais que definem o TEA incluem comprometimentos qualitativos no desenvolvimento sociocomunicativo, bem como a presença de comportamentos estereotipados e de um repertório restrito de interesses e atividades, sendo que os sintomas nessas áreas, quando tomados conjuntamente, devem limitar ou dificultar o funcionamento diário do indivíduo (APA, 2013 apud ZANON et al, 2014, p.25).

A criança portadora do Transtorno do Espectro Autista pode trazer sérios comprometimentos de aprendizagem, por isso é fundamental que o educador busque aperfeiçoamento por meio de conhecimentos para compreender melhor suas limitações.

Esta monografia teve como objetivo mostrar a importância e necessidade do diagnóstico e do processo de reabilitação no TEA com base nos avanços científicos na área. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória na intenção de possibilitar maior entendimento a esse respeito com base na veracidade e nos avanços científicos em relação ao TEA.

Assim, o trabalho se apresenta com a introdução no primeiro capítulo e os procedimentos metodológicos usados para o desenvolvimento do estudo no segundo capítulo. O terceiro capítulo apresenta “Um olhar sobre aspectos históricos, legislação e aspectos legais”, o qual traz um breve relato dos aspectos históricos e científicos pertencentes ao tema apresentado; sobre a “Caracterização do portador de TEA no ensino aprendizagem”, discorre sobre suas características e formas de aprendizagem; sobre “Comunicação e linguagem de crianças autistas”; sobre “Importância da família da vida desses indivíduos”, aceitando, ajudando e estimulando o mesmo e sobre “Inclusão e aceitação de crianças autistas no espaço escolar”, resolve os problemas legais da escola e os métodos organizacionais necessários para receber, orientar e ensinar crianças com autismo. O quarto capítulo trata das considerações finais do tema tratado, Transtorno do espectro autista: características e potencialidades, mostrando que a abordagem do autismo é relativa a diferentes formas de identificar déficits com objetivos diagnósticos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O autismo tem sido abordado e discutido por muitos autores, porém é pertinente e necessário ainda pesquisar e estudar para intensificar e averiguar os progressos na área, e os resultados devem estar ao alcance de todos em função da busca constante de compreensão e pelos descobertos científicos do referido tema.

O presente trabalho se propôs a responder a seguinte questão: É concebível assimilar a síndrome TEA, para ajudar crianças com autismo a participar do processo de integração escolar? Portanto, este trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica sobre a síndrome do autismo, em diversos autores, de diferentes áreas de especialidades, compreender sua exposição ao processo de inclusão do portador de TEA na sociedade de forma geral.

Para o desenvolvimento deste trabalho o tipo de pesquisa utilizada foi a bibliográfica que, segundo Lakatos e Marconi (2004, p. 183), é aquela que “abrange a bibliografia já publicada em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pareceres, internet”, como meio reforçador a respeito do tema.

Segundo Ruiz (1996, p. 58), “a pesquisa bibliográfica envolve o exame de fontes teóricas para investigar e analisar o que foi produzido sobre determinado assunto com temas de pesquisa científica”.

Gil (2002, p.44), destaca que, “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A vantagem desse tipo de pesquisa é de colocar o pesquisador a par de materiais já publicados permitindo um enriquecimento do tema da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa bibliográfica não descreve apenas o que foi escrito, pois este tipo de pesquisa permite que o pesquisador analise as obras publicadas com mais

atenção, ganhando mais conhecimento científico e tirando conclusões inéditas, para que outros pesquisadores possam fazer sua própria interpretação do tema e dos objetos pesquisados.

3. UM OLHAR SOBRE ASPECTOS HISTÓRICOS, LEGISLAÇÃO E ASPECTOS LEGAIS

Bleurer (1960, p. 62) implantou o termo autismo, que está relacionado aos sintomas generalizados que estabeleceu para unir a esquizofrenia ao campo da psicose. Nesse contexto, o autismo é denominado dissociação psicológica, que se refere ao controle das emoções e não à compreensão da realidade.

Bosa e Callias (2000) descreveram três critérios básicos que devem ser seguidos no diagnóstico, a saber: obstáculos qualitativos na comunicação social, comunicação verbal e não verbal, jogos de imaginação infantil e comportamentos e interesses restritivos e repetitivos.

As dificuldades de interação social podem se manifestar em comportamento e expressão emocional inadequados, isolamento, falta do contato visual, total falta de interação com os outros, indiferença emocional e falta de empatia social, conforme Gadia e Tuchman (2004, p. 83-94).

Desde a década de 1960, o autismo é considerado uma doença de origem biológica que envolve o sistema nervoso, possivelmente causada pela falha no desenvolvimento celular do sistema límbico (também conhecido como cérebro afetivo). [...]. Foi determinado que o autismo é apenas uma das definições dimensionais (multidimensionais) dos distúrbios do desenvolvimento do cérebro que afetam o comportamento humano complexo (RAPIN; TUCHMAN, 2009, páginas 20-22).

O autismo, segundo Gillberg (1990, p.82) é uma "síndrome comportamental com causas diversas e seguido de uma disfunção de desenvolvimento". Tem como característica sintomática a tendência ao isolamento.

Segundo SHAO, et al, 2002; FISHER, et al, (1998), resultados de pesquisas genéticas demonstraram um maior risco de reaparecimento de TEA: em torno de 3 a 8% em famílias com uma criança autista. A porcentagem de aprovação para o diagnóstico de TEA em gêmeos monozigóticos se os critérios específicos para autismo (DSM-IV) forem usados, pelo menos 60%, 71% para TEA e até 92% para pessoas com deficiência linguística / social mais ampla (FOLSTEIN, PIVEN, 1991; FOLSTEIN, RUTTER, 1977).

Já no que diz respeito às leis, é importante enfatizar que portadores de TEA devem ter os mesmos direitos garantidos, assim como qualquer cidadão. A Lei

Belenice Piana (12.764 / 12) estabeleceu uma política nacional para proteger os direitos das pessoas com transtornos do espectro do autismo:

que determina o direito dos autistas a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde; o acesso à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades. Esta lei também estipula que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais (BRASIL, 2012).

Isso é de fundamental importância porque permite que as pessoas com TEA sigam a lei (13.146 / 15) e as normas internacionais assinadas pelo Brasil (por exemplo, a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (6.949 / 2000)). A mesma tem grande relevância porque traz inovação busca e descreve a evolução da tolerância social e do direito à cidadania plena e emocional. A sua natureza inclui um novo modelo social apoiado nos direitos humanos, nomeadamente o rejuvenescimento da própria sociedade que visa reduzir as barreiras à exclusão, e incluir as pessoas com deficiência na comunidade, para garantir uma vida independente e exercer a capacidade jurídica, mas principalmente, que desfrute da igualdade.

Por outro lado, a Lei 13.370 / 2016 reduz a jornada de trabalho dos servidores públicos federais de crianças com autismo sem indenização ou mesmo redução de salários. Porque precisam de cuidados especiais de suas famílias.

O artigo 28 do Estatuto da Pessoa com Deficiência, estabelece o direito de formar e disponibilizar professores qualificados em sala de aula para prestar assistência educacional especializada e outros profissionais de apoio, de forma que as ASD possam assumir a responsabilidade de acordo com as suas características, interesses e Necessidades de aprendizagem, a realização de seus talentos e a possibilidade do maior desenvolvimento possível das habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais.

A Lei nº 12.764 de 2012 destaca o sincero compromisso do Brasil com a promoção dos direitos humanos foi salvo. Transformar-se em uma ferramenta jurídica muito valiosa e econômica para tornar as pessoas com deficiência inclusivas, especialmente quando força o governo e seus agentes a formular políticas, ações e serviços que visam garantir uma vida digna para pessoas com transtornos do espectro do autismo. (Brasil, 2012)

Como qualquer cidadão, as leis das pessoas com autismo passam a proteger os direitos relacionados às necessidades de cada pessoa, e conferem às mesmas os direitos de qualquer cidadão.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO AO ENSINO APRENDIZAGEM

Vygotsky (1997) enfatizou que as diferenças encontradas nos locais de socialização das crianças tornam as diferentes formas de aprendizagem e relacionamento interpessoal essenciais para o processo de desenvolvimento. Dessa forma, os alunos que apresentam TEA, são providos de maneiras próprias em receber conhecimento e aprendizado no mundo em que vivem, assim é necessário que o professor e demais pessoas que fazem parte da vida do portador de TEA, estejam atentos aos avanços, progressos e aprendizagem dos mesmos.

Sendo assim, forma como são feitas as relações sociais do portador de TEA sejam elas no âmbito escolar ou familiar, irão influenciar de forma direta na formação da criança com autismo. É importante lembrar que esta criança tem o direito de ser educada, de frequentar uma escola formal e de se associar com outra pessoa. [...] Todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente das dificuldades e diferenças que já tenham aprendido” (DECLARAÇÃO SALAMANCA, 1994, p. 52).

As características clássicas do portador de TEA, lembrados por Gómez e Terán (2014, p.480) são: "Interação social limitada, comunicação verbal e não verbal e problemas de imaginação, atividades e interesses limitados ou incomuns. Eles podem ter dificuldade para dialogar ou olhar diretamente nos olhos dos outros"

De acordo com o relatório da Organização Mundial de Saúde, OMS (2018), o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) está incluído na nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde CID-116A02-Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

- 6A02.0 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;

- 6A02.1 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;
- 6A02.2 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
- 6A02.3 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
- 6A02.4 – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional;
- 6A02.5 – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional;
- 6A02.Y – Outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado;
- 6A02.Z – Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado (OMS, 2018).

3.1.1 Outras Características do autismo

Existem, ainda, outros sinais e sintomas que faz do TEA uma síndrome, sendo eles, de acordo com Teles (2015):

- ✓ Dificuldade no contato visual;
- ✓ Dificuldade em imitar caretas e expressões faciais;
- ✓ Parecem surdas, algumas apresentam surdez;
- ✓ Não atendem quando são chamados pelo nome;
- ✓ Não respondem a sorrisos;
- ✓ Não se sentem à vontade com abraços e beijos e toques;
- ✓ Não balbuciam, apresentam ecolalia;
- ✓ Não apontam para chamar atenção das pessoas;
- ✓ Mostram reações de agressividades parecendo birras quando sua rotina sofre alterações;
- ✓ Não fazem brincadeira de faz de conta;
- ✓ Batem palmas, balançam o tronco como pêndulo;
- ✓ Substituem o pronome eu por ele;
- ✓ Não fazem amigos;
- ✓ Brincam de forma diferente com objetos, seus interesses são apenas por parte do objeto ficando horas observando os movimentos circulares (hélice de ventilador, roda de carro), empilham brinquedos, alinham carrinhos e organizam por cores;

- ✓ Parecem ser resistentes a dor;
- ✓ Algumas crianças podem ter: a visão, audição, tato, olfato, ou paladar excessivamente sensíveis (aumentado ou diminuído);
- ✓ Mostram falta de empatia;
- ✓ Não se assustam com sons altos;
- ✓ Necessidade intensa de repetição;
- ✓ Perda de habilidades sociais e de comunicação em qualquer idade;
- ✓ Não pronunciam frases compostas de pelo menos duas palavras aos 24 meses
- ✓ Não balbuciam aos 12 meses;
- ✓ Não gesticulam aos 12 meses.

A criança portadora de TEA pode apresentar inquietação e insensibilidade diante de determinados acontecimentos. Outras vezes pode apresentar-se agitada e gritar sem aparente motivo por muito tempo. Tende a apegar-se a objetos e não às pessoas, assim, vendo os mesmos com papéis inversos (DALLY; HARRINGTON, 2006).

Segundo Morris; Maisto (2004, p. 425), crianças com autismo não podem formar um vínculo normal com seus pais: elas estão isoladas do mundo. Quando bebês, eles podem até se sentir angustiados quando estão deitados no colo ou braço de alguém. À medida que crescem, eles não podem falar, nem desenvolverão um padrão de fala único chamado ecogenicidade, no qual repetem o que dizem a eles. Embora eu acredite que o autismo seja causado por condições biológicas ou genéticas, não está claro o que causa o autismo. A síndrome do X frágil e outras condições patológicas aumentam o risco de autismo.

O atraso cognitivo pode ser uma característica importante do autismo (TA), que é classificado como transtorno invasivo do desenvolvimento (TID). Gilberg (Gillberg), 2006, Albuquerque (Albuquerque); Cross; Ruthes, 2009 apontou que esse atraso atinge 80% dos pacientes autistas, e também apontou que a epilepsia pode estar relacionada a esta doença, representando assim 35% dos pacientes com autismo.

Essas crianças portadores de TEA, não apresentam inclinação para brincar com outras crianças e nem para criar amizade. Demonstam pouca emoção, pouca simpatia e empatia. Pode manifestar crises de riso ou choro sem motivos aparentes, pode não perceber o perigo ou mesmo ter medo excessivo, ansiedade generalizada,

ataques de cólera, ou reações emocionais ausentes ou diminuídas (KONSTANTAREAS, HOMATIDIS, 1999).

Pessoas com autismo têm padrões diferentes. Alguns têm seus próprios benefícios, com características próprias, são repetitivos e rígidos. Há outros que pulam, balançam seus corpos para frente e para trás, balançam as mãos, batendo palmas, fazendo caretas ou vislumbres, observando um único objeto, mostrando uma preferência por trens, aviões, dinossauros, bandeiras, carros e outros; apresentam dificuldade de participar em grupos e planos longo.

3.2 COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS

Uma forma de comunicação é a linguagem oral, mas as crianças precisarão de muito incentivo para desenvolvê-la. A forma como uma criança se comunica ao nascer é através dos olhos, audição, choro, sorriso ou gestos. “No momento, é preciso entender a linguagem da palavra como qualquer meio de comunicação (...)”. Para Fernandez (, apud GOLDFARD, 1998), vale ressaltar que o conceito de linguagem é mais amplo do que linguagem.

A linguagem é produzida a partir do meio em que vivemos, para que possamos desenvolver nossa própria fala, interagir e nos comunicar com os outros. Crianças com TEA não desenvolvem linguagem como outras crianças e podem atrasar a aquisição da fala, portanto, sua comunicação é limitada.

Conforme Launay e Maisonny, (1989, p.144), crianças com autismo podem desenvolver a linguagem de diferentes maneiras, crianças com autismo podem se livrar do silêncio por volta dos 5 anos de idade e fazer sons da fala verbal na primeira "palavra" dentro de um ano sem novos eventos ou movimentos emocionais.

Bosa e Höher dizem que a criança portadora de TEA pouco se interessa em situações que envolvem socialização, interesses não são os mesmo que de uma criança normal:

Parece haver, por exemplo, menor frequência da atividade social gestual (dar tchau, soprar beijos, acenar com a cabeça em sinal de assentimento ou negação); mostrar ou trazer objetos para o campo visual do adulto (fora do contexto de socialização de assistência); virar a cabeça em direção do adulto, quando chamado pelo nome; apontar (como forma de fazer “comentários” e não para pedir coisas), etc. (BOSA e HÖHER, 2009, p. 193).

É preciso que os pais ou cuidadores se utilizem de várias formas para estimular a fala da criança. Devem, especialmente, estimular o desenvolvimento das habilidades imaginativas partindo dos interesses apresentados pelo autista, sempre intencionando que a mesma desenvolva interesses por outros objetos ou pessoas.

O portador de TEA precisa aprender a se comunicar, se expressando de uma forma de linguagem mais compreensível. Para que isso ocorra, o incentivo da família, dos professores e de toda a sociedade é fundamental, assim o mesmo terá oportunidade de se desenvolver não somente na comunicação e na linguagem, mas também, ser reconhecido como qualquer outro ser humano, com um pouco mais de necessidades para se socializar.

3.2.1 Pensamento

O pensamento do autista caracteriza-se, segundo Mesibov & Shea (1996), essencialmente por:

- ✓ Falta do conceito de sentido.
- ✓ Foco excessivo em detalhes .
- ✓ Distrabilidade.
- ✓ Pensamento concreto.
- ✓ Dificuldade em combinar ou integrar ideias.
- ✓ Dificuldade em Organizar e Sequenciar.
- ✓ Dificuldade em generalizar.

Linguagem e atrasos de linguagem não são necessariamente os primeiros sintomas observados, mas quase sempre são os mais percebidos pelos pais, e é essa queixa que os leva a buscar ajuda. Os problemas de comunicação variam muito em relação às dificuldades e habilidades. Algumas pessoas podem não conseguir falar nada, enquanto outras podem ter dominado o vocabulário e podem falar vários tópicos interessantes.

Embora possam se pronunciar bem, a maioria das pessoas têm dificuldade em usar uma linguagem funcional (prática). Por exemplo, podem não saber o que dizer, como dizer e quando dizer, especialmente nas interações sociais. O contexto do

assunto ou mensagem é difícil de expressar. Muitos portadores de TEA repetem o que ouvem ou o que ouviram, algumas pessoas usam sons mecanizados como robôs, mudando o ritmo, a entonação e a velocidade da fala. Outros podem falar como cantar.

3.3 IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA DA VIDA DESSES INDIVÍDUOS

A família é sem dúvidas, o pilar mais importante na vida de qualquer pessoa. No que diz respeito ao indivíduo que é portador do TEA, ela é ainda mais essencial no papel formador do cidadão, pois é nela que se constrói valores e se adquire conhecimentos que serão levados por toda vida. A família é essencial para o desenvolvimento da criança portadora de autismo na escola, pois é ela que fornecerá aos profissionais da educação as informações sobre as formas de comunicação da criança.

Nesse sentido, Benenzon ressalta que

Os quistos de comunicação seriam formas rígidas e repetitivas de mensagens e expressões que os pais empregam em seu filho autista e das quais não estão conscientes, formando uma espécie de capa pseudo-protetora em volta desse filho, o que converte em um simples parasita que está impedido de evoluir e crescer (BENZON, 1987 p. 55).

É necessário a atenção e observação dos pais em relação à proteção dessa criança perante o mundo, pois muitas vezes podem acabar privando e tornando restrito o pensamento e a fala desta criança.

O comportamento de uma criança autista, seja pelo isolamento extremo, seja pela preservação da sua rotina, nos remete a uma difícil tarefa que é a inclusão desta criança em uma sala de aula comum.

Sprovieri e Assumpção (2001, p. 231) relatam que: “O autismo faz com que o ambiente familiar interrompa suas atividades sociais normais e mude o ambiente emocional em que vivem”.

A família dos portadores de TEA tem papel fundamental no desenvolvimento da comunicação, da socialização e do afeto, juntamente com os profissionais especializados. Dessa forma, a familiares, educadores e demais profissionais especializados precisam trabalhar em parceria com os educadores, visando um desenvolvimento adequado da criança portadora de TEA.

A pessoa passa toda a sua vida na família e no grupo, porque é uma pessoa social. A experiência de vida em grupo começa fazendo com que os indivíduos se sintam a família da vida, e essa perspectiva é determinada por uma instância social que proporciona satisfação ao grupo a que pertencem, e aproximar os indivíduos é uma necessidade social. As necessidades de ação social das famílias autistas são restritas devido às suas deficiências, que afetarão seu desempenho e adaptabilidade.

Todos devem estar cientes de que os alunos com deficiência têm as mesmas necessidades de outros alunos ditos comuns, portanto, não se pode discriminar contra eles e isolá-los da sociedade:

Portanto, é preciso que todos (família/sociedade/escola) tenham consciência de que alunos da Educação Especial: são vivos, sentem, observam, têm as mesmas necessidades que outros alunos e não se pode confiná-los num mundo à parte. (TANAKA, 2010, p. 116)

O autismo muda a atmosfera emocional interna e externa ao interromper as atividades sociais normais, levando à destruição do ambiente familiar. A família vai se somar à disfunção da criança, que é o fator decisivo no início da adaptação. Os esforços do terapeuta devem ser dedicados a ajudar a família e explicar melhor as dificuldades da criança. Os métodos de educação psicológica e os métodos de intervenção sempre foram os modelos utilizados pelos investigadores para ajudar as famílias com estes problemas, procurando promovê-las para se adaptarem ao ambiente social da vida real.

Outro aspecto a considerar é que os pais precisam inserir crianças com autismo em atividades familiares e esportivas para que comecem a vivenciar experiências sociais e familiares. Assim, os pais podem desfrutar da privacidade do tempo e sentir-se à vontade, o que pode melhorar o relacionamento marido e mulher, porque a preocupação a saúde e as emoções têm grande influência em suas atitudes.

3.4 INCLUSÃO E ACEITAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO ESPAÇO ESCOLAR

A política educacional nacional é, na perspectiva de inclusão, incluir sujeitos historicamente excluídos da sociedade, uma política que se baseia em princípios humanos.

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2008).

Da perspectiva da educação inclusiva, a "Política Nacional de Educação Especial" de 2008 visa permitir que alunos altamente qualificados / superdotados com deficiência, barreiras de desenvolvimento global e escolas regulares adquiram, participem e aprendam, e orientem o sistema educacional para promover a necessidade de educação, para garantir:

- ✓ Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- ✓ Atendimento educacional especializado;
- ✓ Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;
- ✓ Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;
- ✓ Participação da família e da comunidade;
- ✓ Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e
- ✓ Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008).

É importante considerar que o crescimento de crianças com autismo varia de acordo com o grau de autismo que esta possui e as consequências que o seu grau de autismo apresenta. Sendo assim, não existem normas que venham caracterizar metodologias definidas do trabalho do professor para que este desenvolvimento seja por vez garantido. Schwartzman (2003) é enfático ao expressar através dos estudos realizados na área que

Nas crianças com AI, os objetivos das intervenções dependerão em grande medida, do grau de comprometimento presente. Nos pacientes com prejuízos cognitivos importantes, os esforços deverão se dirigir de forma mais específica, para a tentativa de aumentar a comunicação e as interações sociais, para a redução das alterações comportamentais (estereotípias, hiperatividade etc.), para a

maximização do aprendizado, e para a independência nas atividades de vida diária. (SCHWARTZMAN, 2003, p. 105).

É necessário incluir pessoas com autismo nas escolas públicas, pois isso vai despertar a solidariedade de outros alunos, e assim fazer com que os mesmos cidadãos conscientes se tornem cidadãos sociais.

Não só integração, mas também não em uma sala sem valor e aceitação. É aceitar as diferenças de todas as pessoas de forma completa e incondicional, de modo a desfrutar de direitos e oportunidades iguais como nós. Não se trata apenas de desenvolver comportamentos, mas também de consciência e atitude (CAVACO, 2014, p. 31).

Desta forma, na escola, as relações sociais podem garantir a possibilidade do desenvolvimento da criança autista, o que por sua vez abrirá as portas para a formação de outros níveis de crescimento cognitivo, social e emocional.

Conforme Pires (2006), participar do processo de inclusão dos excluídos da nossa sociedade, além de revelar nossa atitude de educadores face às pessoas com necessidades educativas especiais e perante a sociedade, expressa uma função teleológica voltada para o aperfeiçoamento ético e moral dos indivíduos nessa reconstrução social.

Segundo Pinto (1989),

[...] a educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses". É dentro do contexto educacional que se encontram diferentes sujeitos, que pertencem a diferentes contextos sociais, que trazem sua historicidade construída a partir de diferentes vivências, assim é possível e faz-se necessário buscar saídas para uma democratização do ensino. (PINTO, 1989, p.29),

Em geral, todos os alunos podem se beneficiar muito com um foco na integração, pois esse processo estimula a compreensão e a aceitação das diferenças e constrói uma sociedade mais forte. A escola se torna um lugar para todos aprenderem. De acordo com Barbosa (2010),

Escolas são construídas para promover educação para todos, portanto todos os indivíduos têm o direito de participação como membro ativo da sociedade na qual estas escolas estão inseridas. Todas as crianças têm direito a uma educação de qualidade onde suas necessidades individuais possam ser atendidas e aonde elas possam desenvolver-se em um ambiente enriquecedor e estimulante do seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social (BARBOSA, 2010, p.1).

O ambiente escolar dedicado aos alunos portadores de TEA, precisa ser devidamente adequado às necessidades dos mesmos, os alunos precisam ter acesso às atividades que precisam ser desenvolvidas conforme com suas necessidades específicas.

A própria inclusão constitui uma questão sutil que leva a cegueira, ela recomenda excluir e incluir entre sociedade e educação. Inscrever alunos com necessidades especiais em aulas de educação formal é muito importante, porque à medida que a compreensão de todos sobre todos os aspectos da escola continua a melhorar a comunidade, as restrições propostas, os interesses dos membros e a relação entre todo o ambiente externo de cada história, diante da luta pela tolerância e conscientização de todas as partes, seus limites, separando os alunos, colocando suas necessidades no padrão especialmente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saúde mental envolve muitas especialidades, por isso é interessante estudar em profundidade as questões relacionadas a esse tipo de transtorno do desenvolvimento mental. Nesse processo, podemos perceber os principais fatores do desenvolvimento da criança autista e os fatores constituintes da relação de interação.

A abordagem do autismo trata de diferentes maneiras de identificar ocorrências para fins de diagnóstico. As características de diagnóstico do autismo (como deficiência social e problemas de comunicação) ajudam a distingui-lo de outras deficiências, mas são relativamente imprecisas em termos de como os indivíduos entendem o mundo, seus comportamentos e estilos de aprendizagem.

O autismo ainda é um problema para as crianças e suas famílias, mas as perspectivas atuais são muito melhores do que as da geração anterior. Naquela época, a maioria das pessoas com autismo eram internadas. Hoje em dia, mesmo que algumas pessoas ainda tenham sintomas do TEA, por toda sua vida, com o tratamento adequado, muitos sintomas do autismo podem ser melhorados. A maioria das pessoas com autismo pode viver com sua família ou sociedade.

A perspectiva depende da gravidade do autismo e do nível de tratamento que o paciente recebe. Pedir ajuda a outras famílias com parentes autistas e a profissionais que prestam o suporte necessário aos parentes também é uma opção interessante.

Pessoas com autismo prestam atenção e percebem a diversidade de comportamentos e a diversidade de expressões de pacientes não autistas; no entanto, a verdade é que eles parecem se comportar como quem pretende assumir esses comportamentos, ou como um ator atuando no palco, Ou seja, quando acham que precisam atuar em pessoas não autistas, é isso.

Então, dada a reflexão proporcionada por esta pesquisa, conclui-se que embora a síndrome do autismo tenha muitas características comuns a outras síndromes, sua identidade é muito diferente. Por diversas deficiências, as escolas formais sentem que não podem oferecer educação inclusiva em certa medida, não só pela necessidade de profissionais, mas também pela reformulação das rotinas e do espaço físico exigido pelos autistas. De acordo com sua organização e necessidades diárias.

É possível entender também que, como toda criança, o paciente com autismo tem suas particularidades, portanto cada tipo de paciente deve ser tratado de forma diferente, pois cada um possui uma gravidade patológica diferente.

Mais importante ainda, é necessário observar o autismo com um olhar cuidadoso para poder reconhecer seu tipo de comportamento, porque cada um deles prefere momentos e ambientes diferentes. As crianças com acompanhamento profissional têm melhores oportunidades de crescimento, pois mesmo que não seja uma doença mental mais severa, a compreensão de especialistas é fundamental para melhorar o crescimento das crianças.

Portanto, é necessário realizar uma ação educativa que não fragilize a cidadania e construa uma sociedade mais democrática e menos excludente. A sociedade precisa estar atenta aos direitos desses pacientes autistas para que possa exercer processos inclusivos.

REFERÊNCIAS

- A Dificuldade da Socialização dos Portadores de Autismo.** Disponível em: www.webartigos.com/artigos/a-dificuldade-da-socializacao-dos-portadores-de-autismo-infantil. Acesso em: 30 de abril de 2020.
- BARBOSA, H. **Por Que Inclusão?** Disponível em: <http://www.defnet.org.br/heloiza.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2020
- BENENZON, ROLANDO O. **O AUTISMO, A FAMÍLIA, A INSTITUIÇÃO E A MUSICOTERAPIA**, RIO DE JANEIRO. 1987
- BLEURER, E. **DEMENCIA PRECOZ, EL GRUPO DE LAS ESQUIZOFRENIAS**. TRAD. DANIEL WAGNER. BUENOS AIRES: EDICIONES HORMÉ, 1960 P. 42.
- BOSA, C. A., & CALLIAS, M. (2000). **AUTISMO: BREVE REVISÃO DE DIFERENTES ABORDAGENS**. REVISTA PSICOLOGIA, REFLEXÃO E CRÍTICA, 13(1), 47-53.
- BOSA C. **Afeto, comunicação social e autoestimulação em crianças com e sem autismo: um estudo de observação sistemática de comportamentos solicitantes e atenção conjunta**. Londres, Reino Unido: Institute of Psychiatry, University of London; 2006.
- BOSA, C. E HÖHER, S. **AUTISMO E INCLUSÃO: POSSIBILIDADES E LIMITES**. IN: GOMES, MÁRIO (ORG.). **CONSTRUINDO AS TRILHAS PARA A INCLUSÃO**. PETRÓPOLIS, R.J: VOZES, 2009. (COLEÇÃO EDUCAÇÃO INCLUSIVA).
- CAVACO, N. **Minha criança é diferente?** Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014, p.31.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015. 140 p.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **SOBRE OS PRINCÍPIOS, POLÍTICAS NA ÁREA DAS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**. ESPANHA, 10 JUNHO, 1994.
- FERNANDES, E. **TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**. IN: GOLDFELD, MARCIA. **FUNDAMENTOS EM FONOAUDIOLOGIA LINGUAGEM**. RIO DE JANEIRO. GUANABARA KOOGAN, 1998.
- FERNANDES, F.D.M. **AUTISMO INFANTIL: REPENSANDO O ENFOQUE FONOAUDIOLÓGICO, ASPECTOS FUNCIONAIS DA COMUNICAÇÃO**. SÃO PAULO, LOVISE, 1996.
- FERNANDES, F.D.M.; PASTORELLO, L.M.; SCHEUER, C.I. **FONOAUDIOLOGIA EM DISTÚRBIOS PSIQUIÁTRICOS DA INFÂNCIA**. SÃO PAULO, LOVISE, 1995

FOLHA INFORMATIVA - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.PAHO.ORG/BRA/INDEX.PHP?ITEMID=1098](https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098). ACESSO EM: 03 DE AGOSTO DE 2020

FOLSTEIN S, RUTTER M. **Autismo infantil: um estudo genético de 21 pares de gêmeos**. J Child Psychol Psychiatry. 1977;18:29-321.

FONSECA, J. J. S. (2002). **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA**. FORTALEZA: UEC.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R. e ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, Abril, 2004, v.80, n.2, p.83-94.

GADIA, C. **APRENDIZAGEM E AUTISMO: TRANSTORNOS DA APRENDIZAGEM: ABORDAGEM NEUROPSICOLÓGICA E MULTIDISCIPLINAR**. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2006.

GIL, A. C. (2002). **COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA**. SÃO PAULO, SP: ATLAS

GILLBERG, C. **AS CRIANÇAS COM AUTISMO FAZEM ANIVERSÁRIOS EM MARÇO?** ACTA PSYCHIATR SCAND. 1990; 82.

GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. **TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM E AUTISMO**. CULTURAL, S.A, 2014.

KANNER, L. **Distúrbios no Contato Afetivo. A criança Nervosa**. 2, 217-250, 1943. IN: CAMARGO, SÍGLIA E BOSA, CLEONICE. PSICOLOGIA E SOCIEDADE.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **METODOLOGIA CIENTÍFICA**.4.ED.SÃO PAULO: ATLAS, 2001.

LAUNAY, C.; MAISONNY, B. **DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM, DA FALA E DA VOZ NA INFÂNCIA**- 2ª ED. SÃO PAULO. LIVRARIA ROCA, 1989.

MEC. **POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA**, BRASÍLIA, 2008.

MESIBOV, G.B. & SHEA, V. – **A CULTURA DO AUTISMO: DO ENTENDIMENTO TEÓRICO**, 1996

MORRIS, C. G.; MAISTO A. A. **INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA**. 6ª ED. SÃO PAULO: PRENTICE HALL, 2004.

Nova classificação de doenças, cid-11, Unifica Transtorno do Espectro do Autismo: 6a02. Disponível em <https://tismoo.us/saude/diagnostico/nova-classificacao-de-doencas-cid-11> Acesso em: 25 de julho de 2020.

OLIVEIRA, A. M. B C. **PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DE AUTISMO: A COMUNICAÇÃO**. PORTO: ED. PORTO, 2009.

PINTO, A.V. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1989.

PIRES, José. A questão ética frente às diferenças: uma perspectiva da pessoa como valor. In: **Inclusão compartilhando saberes**, Petrópolis – Rio de Janeiro, ed. Vozes, 2006.

PRAÇA, E. T. P. DE. O. **UMA REFLEXÃO ACERCA DA INCLUSÃO DE ALUNO AUTISTA NO ENSINO REGULAR**. DISSERTAÇÃO (MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA) UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA .INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS. PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, JUIZ DE FORA, 2011.

RUIZ, J. A. **METODOLOGIA CIENTÍFICA GUIA PARA EFICIÊNCIA NOS ESTUDOS**.4.ED.SÃO PAULO: ATLAS,1996.

SCHWARTZMAN, J. S. **AUTISMO INFANTIL**. SÃO PAULO: MEMNON, 2003.

SEE-DF. **ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA: EDUCAÇÃO ESPECIAL**. BRASÍLIA, 2010.

SHAO Y. ET AL. **TRIAGEM GENÔMICA E ANÁLISE DE ACOMPANHAMENTO PARA TRANSTORNOS AUTISTAS**. AM J MED GENET. 2002; 114: 99-105.

SILVA. A.B. B. **Mundo Singular - Entenda o Autismo**, Rio de Janeiro: ED. Fontanar, 2012.

SPROVIERI, M. H. S., ASSUMPÇÃO JR, F. B. **Dinâmica familiar de crianças autistas**. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v.59, n. 2A, 2001, P.231.

TANAKA, L. M. **Contos de fadas frente à Inclusão Escolar: A construção da imagem simbólica coletiva**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

TELES L. **Sintomas de autismo**, 2015 disponível em www.leandroteles.com.br/blog2015/01/08/meufilhoeautista. Acesso em: 03 DE AGOSTO DE 2020

VYGOTSKY, L.S. **PENSAMENTO E LINGUAGEM**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 1997.

ZANON, R. B. BACKES, B. BOSA, C. A. Identificação dos **Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan – Mar, 2014, Vol. 30 n. 1, p. 25-33